

**A LITERATURA NO DIGITAL: PERCEPÇÕES DOS JOVENS BRASILEIROS E  
PORTUGUESES**

**LITERATURE IN THE DIGITAL: PERCEPTIONS OF YOUNG BRAZILIANS AND  
PORTUGUESE**

**LITERATURA EN LO DIGITAL: PERCEPCIONES DE JÓVENES BRASILEÑOS Y  
PORTUGUESES**

BATISTA, Patrícia Cardoso

patty\_jbt@hotmail.com

UEL – Universidade Estadual de Londrina

<https://orcid.org/0000-0002-3096-6178>

BALÇA, Ângela<sup>1</sup>

apb@uevora.pt

UE/CIEC – Universidade de Évora

<https://orcid.org/0000-0002-4159-7718>

LIMA, Sheila Oliveira

sheilalima@uel.br

UEL – Universidade Estadual de Londrina

<https://orcid.org/0000-0002-0993-8228>

**RESUMO** Nos últimos anos, o interesse pela leitura na tela aumentou significativamente, o que indica que mudanças no suporte podem refletir no comportamento do leitor. Diante disso, este artigo objetiva analisar as percepções dos jovens sobre a leitura no impresso e no digital. Para tanto, realizou-se um recorte dos dados recolhidos em uma tese em andamento no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem<sup>2</sup>. Logo, enfocam-se as respostas de estudantes do último ano da escolarização de dois contextos – cinco escolas públicas brasileiras e uma portuguesa - dadas a um questionário on-line. Como procedimentos metodológicos, realizamos uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo. Como resultados, observamos que os jovens prezam pelo livro físico por diferentes motivos, mas estão abertos a novas experiências leitoras na era digital.

**Palavras-chave:** Literatura. Tela. Formação leitora.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projetos do CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho) com as referências UIDB/00317/2020 e UIDP/00317/2020.

<sup>2</sup> Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética sob o número CAAE 54533721.2.0000.5231.

**ABSTRACT** In recent years, the interest in reading on the screen has increased significantly, which indicates that changes in the medium can reflect on the reader's behavior. Therefore, this article aims to analyze the perceptions of young people about reading in print and digitally. To this end, a selection of the data collected in a thesis in progress at the Graduate Program in Language Studies was carried out. Therefore, we focus on the responses of students in the last year of schooling from two contexts – Brazilian and Portuguese public schools – given an online questionnaire. As methodological procedures, we conducted an exploratory qualitative research. As a result, we observed that young people value the physical book for different reasons, but are open to new reading experiences in the digital age.

**Keywords:** Literature. Screen. Reading training.

**RESUMEN** En los últimos años, el interés por la lectura en pantalla ha aumentado significativamente, lo que indica que los cambios en el medio pueden reflejarse en el comportamiento del lector. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo analizar las percepciones de los jóvenes sobre la lectura en forma impresa y digitalmente. Para ello, se realizó una selección de los datos recogidos en una tesis en curso en el Programa de Posgrado en Estudios del Lenguaje. Por lo tanto, nos centramos en las respuestas de los estudiantes en el último año de escolaridad desde dos contextos: - Escuelas públicas brasileñas y portuguesas: se les entregó un cuestionario en línea. Como procedimientos metodológicos, se realizó una investigación cualitativa exploratoria. Como resultado, observamos que los jóvenes valoran el libro físico por diferentes razones, pero están abiertos a nuevas experiencias de lectura en la era digital.

**Palabras clave:** Literatura. Pantalla. Entrenamiento en lectura.

## 1 INTRODUÇÃO

Os suportes digitais, como computadores, celulares, tablets, leitores digitais, etc., permeiam as mais diversas práticas de leitura na sociedade contemporânea, levando a um aumento significativo, nos últimos anos, do interesse em compreender o processo de leitura na tela, bem como a percepção do leitor. Logo, compreendemos que as mudanças no suporte impactam no comportamento do leitor, na medida em que concordamos com Pianzola (2021), quando afirma que a passagem do impresso para o digital não é apenas uma mudança de meio, mas de contexto e de atitudes dos leitores.

Diante dessas transformações, percebemos a necessidade de mais pesquisas sobre a leitura digital no campo da Educação e dos Estudos da Linguagem, tendo em vista o fato de ser um assunto interdisciplinar e que podemos analisar por diferentes ângulos. Desse modo, neste texto, optamos por focar as práticas sociais de leitura



digital, considerando essa uma atividade relativamente nova, se comparada a nossa tradição impressa ligada à cultura escrita. Logo, há um “novo” dispositivo que o leitor deve dominar para realizar suas leituras. Nesse complexo cenário, interessa-nos entender como os avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), realidade comum na vida de muitos jovens portugueses e brasileiros, impactam suas leituras de literatura, o que pode levar à compreensão de como percebem as práticas de leitura em diferentes suportes.

Posto isso, este trabalho, apresenta um recorte do *corpus* que compõe a pesquisa de doutorado em desenvolvimento por uma das autoras, sob orientação das coautoras, cujo objetivo geral é identificar se as mídias digitais podem contribuir para a ampliação da leitura literária entre os jovens estudantes do Ensino Médio brasileiro.

Neste artigo, o nosso interesse centra-se especificamente nas percepções do público-juvenil sobre a utilização da tela e do papel para a leitura. Sendo assim, apresentamos uma comparação entre os estudantes portugueses e brasileiros do último ano de escolarização, os quais responderam um questionário on-line a respeito de suas preferências em relação aos suportes de leitura. Com isso, visamos entender as diferenças entre a leitura nos dois suportes e as novas formas de ler, enfocando os seguintes aspectos da leitura: ritmo, duração, concentração e memória.

Os campos de pesquisa foram cinco escolas públicas brasileiras e uma portuguesa, visitadas entre os anos de 2022 e 2023. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com uma abordagem qualitativa e quantitativa.

## **2 DO LIVRO IMPRESSO AO DIGITAL: NOVAS FORMAS DE LER?**

É comum que a possibilidade de ler na tela, atualmente, desperte questionamentos sobre um possível desaparecimento do livro enquanto objeto físico, uma vez que agora os textos podem ser facilmente acessados no digital, ou sob o argumento de que os jovens, por nascerem em um meio repleto por tecnologias, podem apreciar realizar suas atividades por meio delas. Todavia, seja no livro físico ou no digital, o mais importante é a leitura que fazemos do texto, e não o suporte elegido para tal. A esse respeito, Borges (2011) indaga: “O que é um livro se não o abrimos? Um simples cubo de papel e de couro com folhas; mas se o lemos, alguma



coisa estranha acontece, creio que ele muda a cada vez.” Embora a definição de livro apresentada por Borges deva ser ampliada, pois ele já não é mais apenas feito de papel e pode ser lido por meio de diferentes dispositivos tecnológicos, concordamos que se não há leitura, o texto torna-se apenas mais um arquivo digital qualquer, esquecido na memória de um dispositivo.

Segundo Chartier (2002), a tela é um novo suporte da cultura escrita e representa uma revolução do livro. O surgimento do texto eletrônico, para o autor, propiciou mudanças na modalidade de inscrição e transmissão de textos, conseqüentemente alterações nos comportamentos leitores. Nessa perspectiva, faz-se relevante retomar alguns momentos marcantes da história do livro a fim de entender como o leitor se adaptou a cada um deles.

Nos primeiros séculos da Era Cristã, conforme Chartier (2002), o códex passou a substituir progressivamente os rolos. Foi nesse momento que o livro, como conhecemos até hoje, foi inventado, ou seja, composto por folhas dobradas, reunidas e encadernadas. Com isso, o leitor passou a fazer gestos inéditos, pois até então, ler no rolo movimentava o corpo todo e não era possível escrever enquanto lia, por exemplo. Logo, essa mudança fez com que o leitor aprendesse a manusear este objeto de uma nova forma, ou seja, folhear as páginas do texto, encontrar um trecho específico a partir da paginação, guiar-se pelos índices, escrever e ler ao mesmo tempo (Chartier, 2002).

Em meados do século XV, Chartier (2002) expõe que aconteceu uma revolução técnica marcante na história do livro, quando Gutenberg inventou a prensa, fazendo com que a cópia manuscrita deixasse de ser a única forma de circulação do escrito. Então, houve uma mudança na forma de reproduzir e fazer circular os textos, pois houve a diminuição do custo e do tempo de produção dos livros. Mas, isso não impactou nas práticas de leitura, dado que o códex ainda abrigava o mesmo material textual. Isto é, o livro ainda continuou com o mesmo formato anterior, composto por folhas encadernadas.

Sendo assim, neste momento, encontramos-nos diante de uma nova mudança, ainda em curso, que coloca o livro impresso em coexistência com o livro digital. Isso tudo implica “Escrever ou ler essa nova espécie de livro supõe desligar-se dos hábitos adquiridos [...]” (Chartier, 2002, p. 107). Nesse contexto, as mudanças no suporte



implicam no comportamento do leitor, que tem que aprender como este funciona e como manuseá-lo para fins específicos, como no caso da leitura literária.

Para Chartier (2002), a revolução do texto eletrônico envolve a mudança em três aspectos: modalidade técnica (como o texto é produzido e divulgado), suportes (telas de dispositivos digitais diversos) e formas de ler (descontínuas e fragmentadas). Diante disso, o autor aponta que o leitor tem que se adaptar a esse novo contexto, surgindo novas formas de ler, dentre as quais podemos pontuar algumas.

A respeito da leitura no digital, diferente do livro físico, o leitor tem que rolar a página de cima para baixo; o livro, enquanto objeto elaborado especificamente para cada texto, já não é mais uma realidade, dado que todos eles são acessados por um mesmo suporte (computador, celular, *e-reader*); não é mais possível reconhecer e diferenciar um discurso por critérios visíveis e materiais, como: um jornal, um documento, uma revista, etc.; é possível fazer conexões não lineares e infinitas a partir dos *hyperlinks*, nem sempre previstas pelo autor do texto; os textos são muitas vezes, apresentados ao leitor de forma fragmentada; entre outros aspectos.

Nessa esteira, considerando que o livro impresso remonta ao século XV, percebemos que a leitura digital de textos eletrônicos é uma atividade recente na vida de muitos indivíduos. Diante disso, enquanto suporte de leitura, o livro impresso tem o seu lugar consolidado na história e no imaginário do leitor, especialmente se remetermos as pinturas que o retratam, quase sempre como um sujeito com um livro físico nas mãos. Com o surgimento de um novo suporte, que requer do leitor habilidades de manuseio e talvez até de leitura diferentes daquelas que até então estava-se acostumado, muitas dúvidas vem à tona. Uma delas é sobre as diferenças entre a experiência de leitura propiciada pelo livro digital e impresso. Seriam elas iguais?

Segundo Cordón-García (2019), os textos impressos em papel apresentam características sensório-motoras diferentes daqueles exibidos nas telas. O autor argumenta que os textos impressos são estáveis, tangíveis e presos ao seu suporte físico, ao contrário dos textos digitais que são intangíveis, virtuais e separados fisicamente do suporte, ou seja, possuem portabilidade e acessibilidade. Logo, essas características podem afetar a vivência do leitor com o texto. Sendo assim, ele



exemplifica a diferença de ler no papel e nos dispositivos eletrônicos a partir da experiência e do objeto:

Na leitura tradicional, quando um leitor abre um livro impresso, toda uma série de questões já foi resolvida: o livro contém um texto que o leitor já decidiu ler, está disponível na sua singularidade e integridade de forma legível e manejável. É uma situação que parece natural ao leitor, pois não há distanciamento do texto e do meio/suporte. Os dispositivos de leitura introduzem diferentes graus de distanciamento, dependendo da maior ou menor facilidade de apropriação, da qualidade das suas funcionalidades e da permeabilidade e interoperabilidade das suas aplicações que, finalmente, determinam diferentes graus de legibilidade. A influência das fontes, dos estilos, dos diferentes sistemas de codificação espacial e da disposição das páginas tem sido amplamente estudada no meio impresso, demonstrando como suas formas de apresentação influenciam, em maior ou menor grau, a compreensão dos textos (Cordón-García, 2019, tradução nossa, p. 10).<sup>3</sup>

Nesta esteira, estudos de Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) apresentam as implicações da materialidade para o ato de ler, pontuando que essa atividade envolve mente e corpo. As autoras enfatizam que a materialização da leitura tem duas dimensões, sendo a primeira referente ao *tempo-espaço*, relacionada ao que o corpo realiza durante a leitura, e a segunda ao *imaginário*, concernente à participação do corpo na criação dos cenários imaginários. Isto é, para elas, a leitura é uma atividade mental conectada ao corpo, o que implica considerar que os locais em que se lê, reflete no que e em como se lembra de um texto. Por exemplo, ao ler um livro durante uma viagem de férias, em um momento de relaxamento na praia, as recordações do texto se ligarão àquele momento. Logo, se esse mesmo livro for lido em um novo ambiente, provavelmente, propiciará uma experiência diferente. Isto é, “[...] o ato de ler encontra uma conexão com o que o corpo faz enquanto lê, e isso influencia aquilo

---

<sup>3</sup> Original: “En la lectura clásica cuando un lector abre un libro impresso se han resuelto ya toda una serie de cuestiones: el libro contiene un texto que se ha decidido leer, disponible en su unicidad e integridad, legible y manejable. Es una situación que se presenta como natural para el lector, pues no existe distancia respecto al texto y al medio. Los dispositivos de lectura introducen diferentes grados de distanciamento, en función de la mayor o menor facilidad de apropiación, en función de la calidad de sus prestaciones y en función de la permeabilidad e interoperabilidad de sus aplicaciones que, finalmente, determinan diferentes grados de legibilidad. La influencia de las tipografías, los estilos, los diferentes sistemas de codificación espacial y de puesta en página han sido muy estudiadas en el ámbito impreso, demostrando de qué manera sus formas de presentación influyen en mayor o menor medida en la comprensión de textos” (Cordón-García, 2019, p. 10).

que recordamos do texto que lemos e o quão bem o recordamos” (Schilhab; Balling; Kuzmičová, 2020, tradução nossa, p. 107).<sup>4</sup>

Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) argumentam que, embora os textos tenham significados semânticos, eles também são materiais. Nesse sentido, para elas, o leitor interage com a materialidade do formato da leitura para compreender o texto, como: condições de luz, peso do suporte e seu. Sendo assim, Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) expõem que “Interagimos com uma série de palavras em sua qualidade de objeto físico, com uma certa aparência que ocupa uma determinada porção do espaço no tempo” (Schilhab; Balling; Kuzmičová, 2020, tradução nossa, p. 108)<sup>5</sup>. Para as autoras, essa questão está relacionada à memória episódica, que registra as experiências na ordem em que ocorreram e suas características sensoriais, perceptivas, conceituais e afetivas.

Desse modo, ao pensar nos impactos do suporte sobre o que se armazena de um texto na memória, Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) enfatizam que as interações e movimentos corporais realizados durante a leitura são processados com a descoberta do significado do texto. Logo, o suporte é importante para o processamento do texto e a produção de uma memória do conteúdo. Sendo assim, o texto impresso, conforme as autoras, por ter um formato concreto, facilita o acesso ao processamento perceptivo e sensorial, ao contrário do texto digital, que, muitas vezes, não tem um tamanho fixo, sem lugar no espaço ou formato específico. Por exemplo, o ato de virar a página é sensorial no impresso, mas não em um texto PDF. Além disso, é também visual, pois o leitor acompanha o progresso de sua leitura conforme as páginas aumentam de um lado e diminuem do outro, e não apenas pelo número simbólico que aparece na tela. Logo, Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) afirmam que no livro físico o número de páginas folheado pelos dedos, sua espessura, seu cheiro e seu peso são elementos que contribuem para construção da memória do

---

<sup>4</sup> Original: “[...] el acto de leer encuentra una conexión con lo que el cuerpo hace mientras lee, y tiene así una influencia em aquello que recordamos del texto que leemos y qué tan bien lo recordamos” (Schilhab; Balling; Kuzmičová, 2020, p. 107).

<sup>5</sup> Original: “Interactuamos con una serie de palabras em su calidad de objeto físico, con una cierta apariencia que ocupa una porción particular del espacio em el tiempo” (Schilhab; Balling; Kuzmičová, 2020, p. 108).



conteúdo, diferentemente do texto digital com poucos pontos de ancoragem no tempo e no espaço.

Embora Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) enfoquem apenas no aspecto cognitivo da leitura, desconsiderando que o ato de ler no suporte digital também é repleto de construções simbólicas, suas reflexões contribuem para o entendimento da relação entre suporte e o leitor de carne osso, que não tem apenas mente, mas um corpo que interage com o objeto que contem o texto.

Outro ponto de divergência entre o impresso e o digital, refere-se à capacidade de manter o foco durante a leitura. Nessa esteira, Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) indicam que ler em suportes digitais, multifuncionais por natureza, pode dificultar a capacidade de sustentar a atenção. Para as autoras, ao ler na tela, o indivíduo costuma ser mais seletivo e superficial, ao ter um comportamento típico da leitura em páginas na *web*, nas quais se busca por informações pontuais e o foco é mudado rapidamente de uma atividade a outra. Em vista disso, Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) apontam que pelo fato de o livro físico ter uma única função, a qual é conter o texto, parece ser mais eficaz para a concentração, diferentemente dos computadores, tablets ou smartphones que proporcionam toda comunicação com amigos, trabalho, bancos, canais de entretenimento etc., que podem distrair o leitor com suas notificações. Logo, ler na tela exige do leitor estratégias para lidar com essas possíveis distrações.

Portanto, diante dessas informações fica claro que ler no papel e na tela tem aspectos divergentes. Todavia, neste texto, não planejamos opor o digital e o impresso, e definir qual o melhor para a leitura, mas sim apresentar como os jovens percebem os diferentes suportes. Isso é relevante na medida em que a formação de leitores no contexto digital exige que os mediadores e instituição escolar, considerem que os diferentes suportes convivem e oferecem possibilidades diferentes aos indivíduos.

### **3 METODOLOGIA DE PESQUISA**

Este trabalho adota os procedimentos metodológicos da pesquisa exploratória de cunho quantitativo e qualitativo, tendo em vista a sua natureza. Para tanto,

apresentamos um recorte do *corpus* que compõe a pesquisa de doutorado em desenvolvimento por Patrícia Cardoso Batista, sob orientação de Sheila Oliveira Lima e coorientação de Ângela Balça. Na referida pesquisa, a pesquisadora elaborou um questionário com questões abertas e fechadas a fim de descrever o perfil leitor do estudante do último ano da Educação Básica e investigar a sua adesão aos diferentes suportes de leitura. Esse instrumento de coleta de dados foi aplicado a 472 estudantes de cinco escolas públicas brasileiras na cidade de Londrina-PR, no Brasil, no ano de 2022.

Nessa esteira, com o objetivo comparar os resultados obtidos na tese com o de um contexto diverso, o mesmo questionário foi aplicado a 84 estudantes, também do último ano, de uma escola pública da cidade de Évora, em Portugal, em 2023. Sendo assim, neste artigo, apresentamos a análise de algumas questões selecionadas com a fim de analisar as percepções dos jovens sobre a leitura no impresso e no digital, com foco no ritmo, duração, concentração e memória.

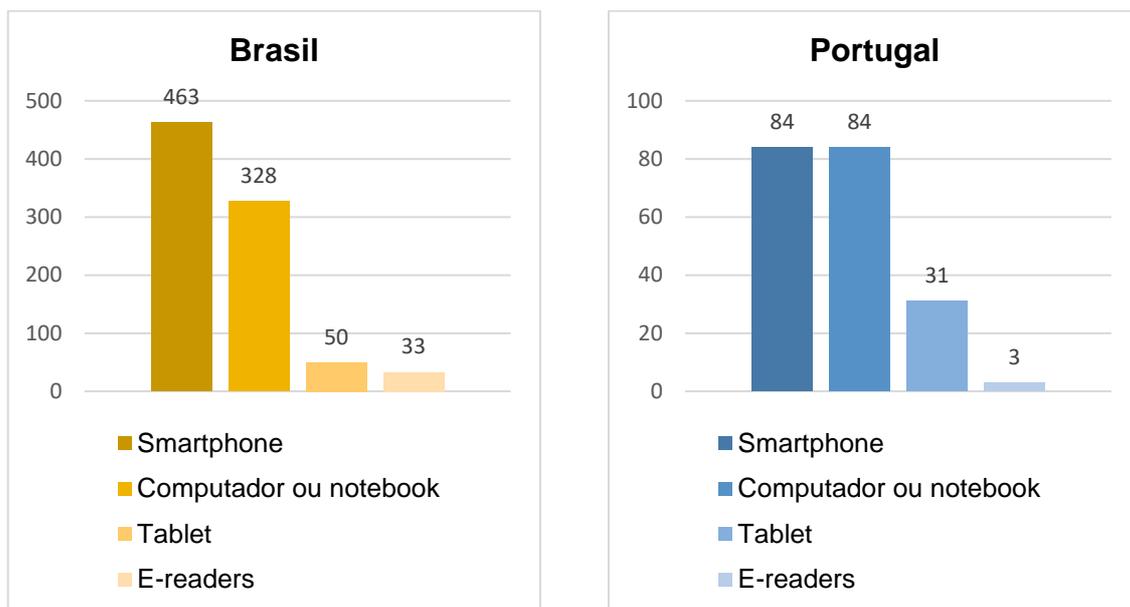
Os participantes têm entre 16 e 20 anos de idade, sendo que a maioria são do gênero feminino, representando 57,6% da amostra no recorte brasileiro, e 65,1% no português. Os dados foram coletados por meio de um questionário on-line, respondido pelos estudantes no próprio celular ou nos computadores disponíveis no laboratório da escola com acesso à internet.

#### **4 SUPORTES E PERCEPÇÕES DOS JOVENS: LEITURA NO PAPEL E NO DIGITAL**

A leitura pode ser realizada em diferentes suportes na atualidade, a depender dos recursos que o leitor tem a sua disposição. Sendo assim, solicitamos aos estudantes que marcassem os itens que possuíam, se tinham acesso à internet e onde, a fim de entender quais recursos tinham a sua disposição, um dado importante para perceber se tinham as ferramentas e acesso necessários para realizar a leitura no digital, caso desejassem.



Gráfico 1 – Dispositivos tecnológicos que os participantes possuem



Fonte: as autoras.

Verificamos que a maioria dos estudantes dos dois países possui um *smartphone*, representando 98,1% dos participantes brasileiros e 97,7% dos portugueses. A esse respeito, é importante ressaltar que possuir esse dispositivo não é garantia de que eles possam fazer o *download* de todos os textos que desejam ler ou instalar qualquer aplicativos de leitura, pois alguns há celulares com sistema operacional ultrapassado ou mesmo pouca memória, o que pode limitar o seu uso para a leitura e armazenamento de textos, por exemplo. Ademais, a tela de um celular é relativamente pequena se comparada com as dos demais dispositivos eletrônicos, o que pode dificultar o seu uso para a leitura de textos longos e com letras miúdas.

Quanto às telas maiores, como o computador ou o notebook, analisamos que 97,7% dos estudantes portugueses possuem, ou seja, um número significativo; mas



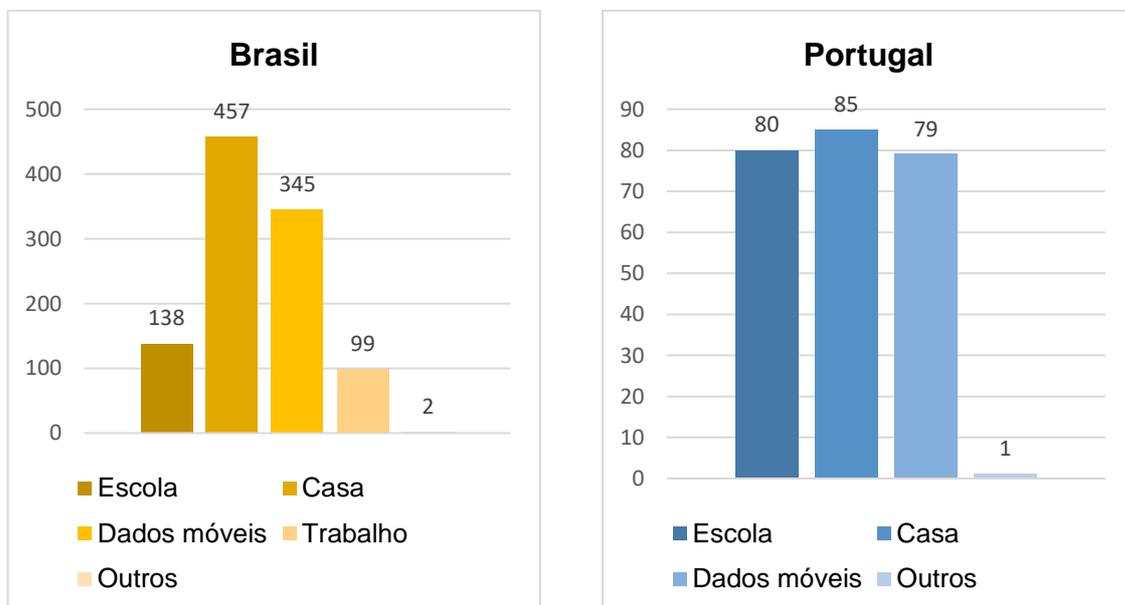
quando se trata dos brasileiros, esse número cai drasticamente, representando apenas 69,5% dos jovens.

Em relação aos tablets e leitores digitais, no contexto brasileiro, 10,6% têm tablet e 7% leitores digitais. Já no português, são 36% dos participantes com tablet e 3,5% com leitores digitais.

Ao analisar esses dados fica evidente que os estudantes portugueses possuem uma variedade maior de telas disponíveis para o uso, o que é relevante para os aspectos relacionados também à leitura. Isso acontece pelas próprias realidades de cada país, sendo o Brasil marcado por suas desigualdades sociais, que refletem nos dados desta pesquisa.

Além de possuir as ferramentas tecnológicas, consideramos que os jovens precisam de conexão com a internet para acessar os textos literários. Em vista disso, destacamos que 100% dos estudantes brasileiros têm acesso à internet, e 99% dos estudantes portugueses também. Logo, apresentamos no gráfico 2 os locais onde esse acesso está disponível:

Gráfico 2 – Local com acesso à internet



Fonte: as autoras.



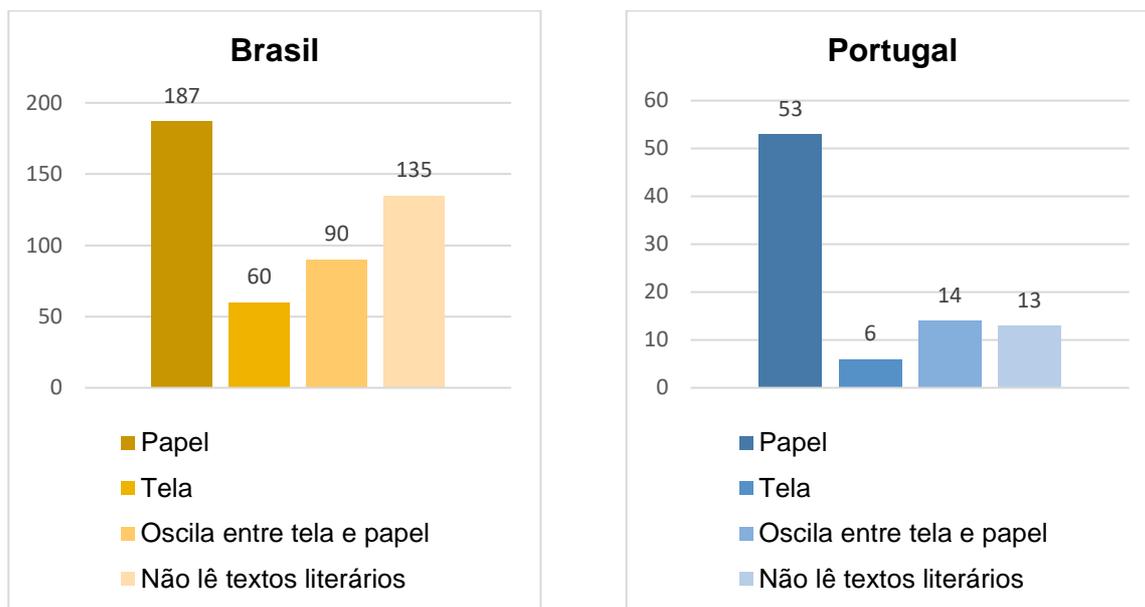
Identificamos que a maioria dos estudantes brasileiros (97,2%) e portugueses (98,8%) tem acesso à internet em casa. Apesar de ser um aspecto positivo, que demonstra que esse recurso tem chegado cada dia a mais lares, é importante pontuar que a qualidade dessa internet nem sempre é a mesma para todos, pois alguns possuem um limite de dados ou mesmo uma conexão mais lenta.

No caso do ambiente escolar, observamos que a escola portuguesa pesquisada oferece esse recurso para os estudantes, uma vez que foi assinalada por 93% deles. Em contraposição, as instituições brasileiras, que variam conforme o endereço, são apontadas por 29,4% dos participantes. Isso acontece por diferentes motivos; um deles foi relatado à pesquisadora pelos docentes brasileiros, os quais informaram problemas relativos à velocidade da internet, fato que, limita seu uso também ao corpo docente.

Ademais, outro dado interessante é que muitos estudantes brasileiros apontam o local de trabalho como acesso à internet, assinalado por 20,8% dos participantes. Essa informação diverge da realidade portuguesa, já que nenhum estudante mencionou o local de trabalho como ponto de acesso à rede, o que provavelmente se deve ao fato de se dedicarem apenas aos estudos em tempo integral.

Após entender os mecanismos pelos quais os jovens têm acesso à internet, passamos a sua relação com a leitura literária nos diferentes suportes, com foco no papel e na tela. Para tanto, apresentamos as respostas dadas por eles à seguinte pergunta: “*Você lê obras literárias com mais frequência?*”

Gráfico 3 – Suportes utilizados com mais frequência



Fonte: as autoras.

A tela já é um suporte ao qual os jovens recorrem para a leitura, o que nos leva a inferir que a cultura digital já é uma realidade também nas práticas sociais relacionadas à leitura literária, e que, portanto, é um cenário a ser considerado pela formação de leitores na contemporaneidade. Todavia, a tela, em convivência com o papel, ainda não é o suporte mais recorrido, na medida em que a maioria dos estudantes de ambos os países afirmaram ler obras literárias com mais frequência no papel.

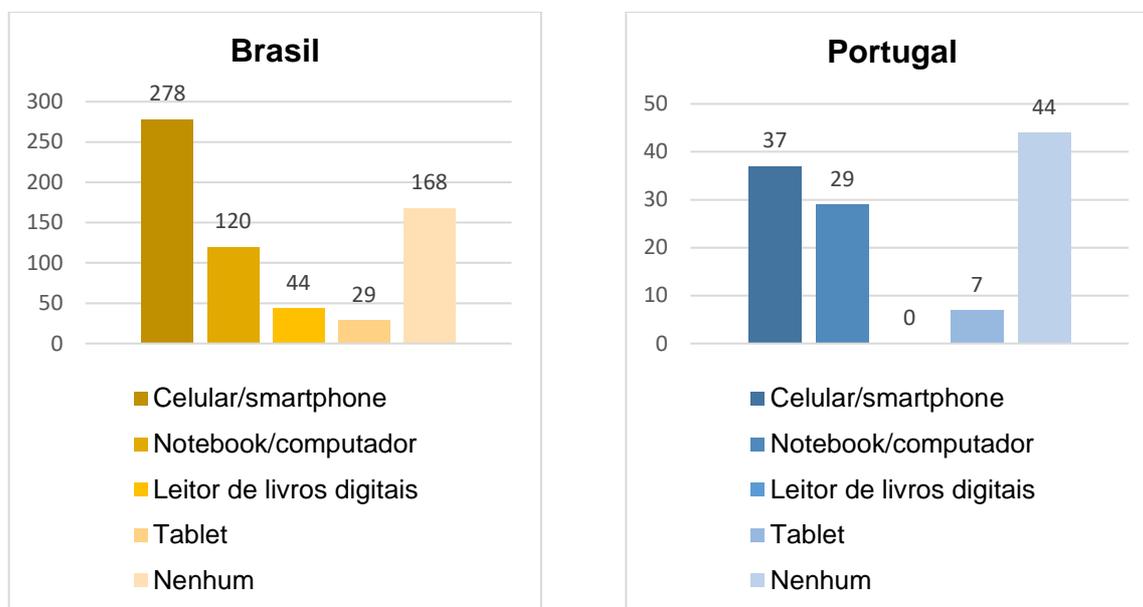
Nesse contexto, averiguamos que, no Brasil, 39,6% dos estudantes demonstraram ler com mais frequência no papel, contra 12,7% na tela. Em Portugal, temos 61,6% dos participantes que disseram que leem obras literárias com mais frequência no papel, e apenas 7% apontaram na tela. Há também um número significativo de estudantes que adota a leitura nos dois suportes, oscilando entre eles, representando 19,1% dos brasileiros, e 16,3% dos portugueses. Sendo assim, constatamos que os livros físicos ainda são os mais recorrentes para a leitura de obras literária nas duas localidades. Isso nos leva a entender que as práticas sociais de leitura conciliam os diferentes suportes, não sendo excludentes.

Na sequência, indagamos aos estudantes sobre os suportes que utilizam para leitura de obras literárias na tela, dado que há possibilidade de utilizar computadores, notebooks, tablets, leitores digitais e smartphones, e que estes têm características



diferentes entre eles, como peso, tamanho, funcionalidades, etc. A esse respeito, temos o seguinte resultado:

Gráfico 4 – Telas usadas para leitura literária



Fonte: as autoras.

Constatamos que nos dois contextos o suporte mais utilizado é o *smartphone*, representando 58,9% dos jovens brasileiros, e 43% dos jovens portugueses. Talvez, por se tratar de um suporte portátil, o qual tem finalidades que fazem com que o jovem o carregue consigo para todos os lugares, o acesso à leitura digital por meio dele seja mais facilitado. Por exemplo, não precisa de planejamento prévio do leitor antes de sair de casa para acessar à leitura pelo celular, pois basta abrir o arquivo e iniciá-la em qualquer momento ou lugar, pois esse dispositivo normalmente já está ao alcance das mãos.

Em segundo lugar, aparecem os computadores e notebooks, sendo uma opção assinalada por 33,7% dos portugueses e 25,4% dos brasileiros. Observamos que essa diferença se justifica pelos próprios aparatos que os estudantes possuem, situação que já apontamos anteriormente ao expor que 97,7% dos estudantes portugueses possuem, e apenas 69,5% dos brasileiros. Vale ainda destacar que conforme o relato dos docentes à pesquisadora, as escolas portuguesas fornecem o empréstimo de notebooks aos estudantes que não os possuem, visando à realização das atividades

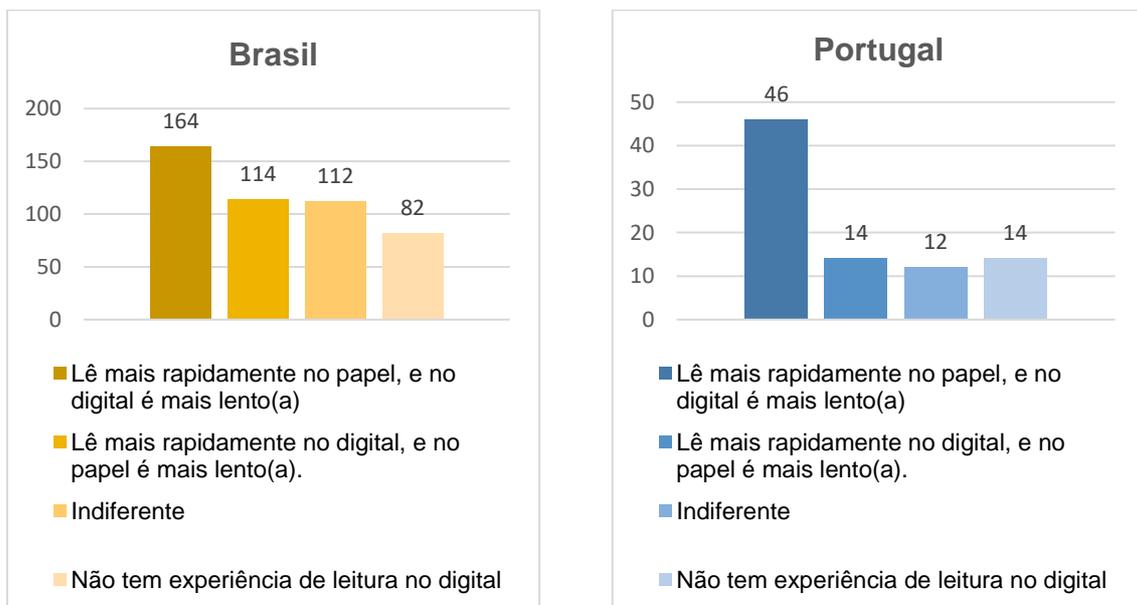


escolares. O aparato fica o ano todo com o estudante, que pode levá-lo para casa e devolver apenas ao final do ano.

Em terceiro lugar, no Brasil, aparecem os leitores digitais, utilizados por 9,3%, seguido dos tablets, indicados por 6,1% dos participantes. Isso se inverte em Portugal, dado que o tablet foi assinalado por 8,1% dos estudantes, e os leitores digitais por nenhum deles, embora três tenham dito possuir o dispositivo.

Após entender sobre os suportes mais utilizados pelos jovens, enfocamos nas diferenças percebidas por eles sobre a leitura. Sendo assim, iniciamos apresentando os dados sobre o ritmo de leitura.

Gráfico 5 – Ritmo de leitura e suporte



Fonte: as autoras.

Observamos que em ambos os contextos a maioria dos jovens considera que lê mais rápido no papel, sendo tal situação ressaltada por 34,7% dos participantes brasileiros, e 53,5% dos portugueses. Já no caso da tela, temos 24,2% dos brasileiros que a percebem como propícia à leitura mais veloz, contra 16,3% dos portugueses. Há ainda aqueles que não percebem diferença na velocidade de leitura nos diferentes suportes, como os 23,7% dos brasileiros e 14% dos portugueses. Sendo assim, esses dados evidenciam que, embora a leitura na tela seja utilizada com frequência para a busca de informações, o que exige passar rapidamente os olhos pelo texto em busca de algo pontual, esse processo não é o mesmo quando o contexto é o da leitura literária.

A partir dessa resposta muitas hipóteses são criadas. A primeira delas, com base nos apontamentos de Cordón-García (2019), refere-se às fontes utilizadas, pois alguns estudos demonstram que estas interferem na melhoria e velocidade de leitura. Outro ponto é abordado por Chartier (2021), ao discorrer sobre a leitura na era das redes sociais, que propiciam um acesso mais acelerado e impaciente, o que afeta a recepção de outros textos, tais como aqueles mais extensos, como os romances. Logo, essa ideia é uma possibilidade para explicar a quantidade de alunos que afirmou que lê mais rápido na tela, ou seja, é uma prática propícia por esse suporte quando com outros usos.

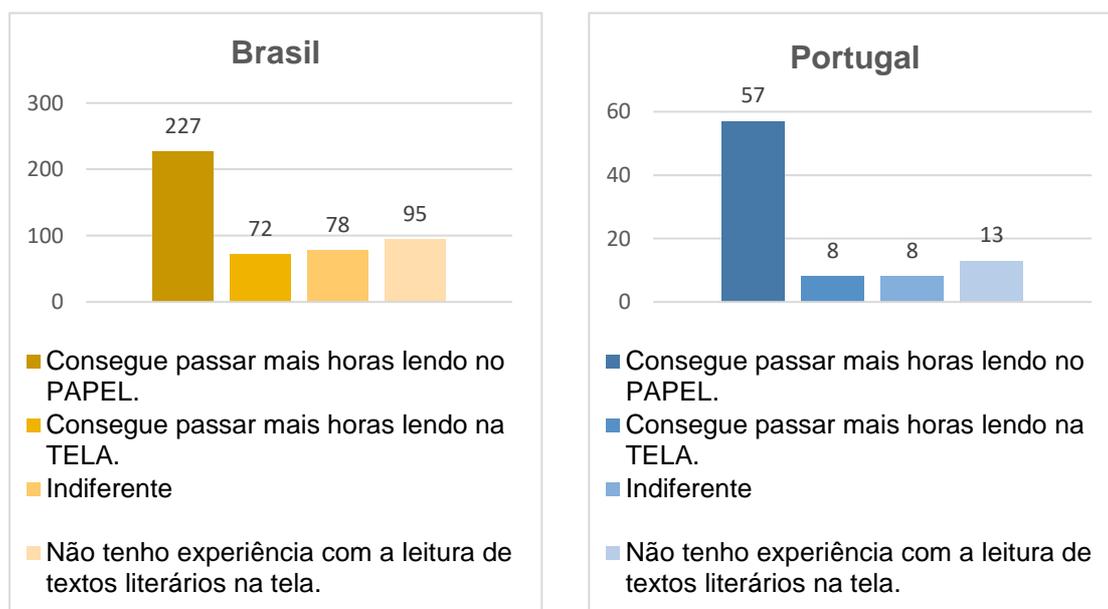
Consideramos ainda que um possível motivo para o papel ser considerado mais favorável se deve ao fato de se tratar de um suporte que desde cedo os estudantes aprendem a manusear e ler, especialmente no ambiente escolar. Apesar de os dispositivos eletrônicos estarem presentes na vida dos indivíduos cada vez mais cedo, estes têm outras finalidades, como: acessar redes sociais, interagir com jogos, assistir a vídeos, etc. Isto é, há outros usos para os dispositivos eletrônicos, ao contrário dos livros, cuja única finalidade é portar textos verbais e não-verbais que serão lidos pelos indivíduos. Com isso, ao pensar no uso do smartphone para a leitura, destacamos ser comum que outros estímulos surjam e distraiam o leitor, como: notificações, hiperlinks, etc.

Outro ponto que merece ser considerado é a duração da leitura de obras literárias no digital e no papel. Isto é, o tempo que o leitor consegue passar lendo nos diferentes suportes, segundo a sua percepção, assunto que questionamos por meio



do seguinte enunciado: *em relação à duração da leitura, você consegue ficar mais tempo lendo obras literárias (especialmente textos longos) na tela ou no papel?* Logo, temos o seguinte resultado:

Gráfico 6 – Duração e suporte



Fonte: as autoras.

Verificamos que a maioria dos jovens, em ambos os países, tem a ideia de que consegue passar mais tempo lendo obras literárias no papel. No caso dos brasileiros, isso se evidencia nas respostas de 48,1% dos participantes, contra 66,3% dos portugueses.

No caso da tela como suporte propício à leitura por mais tempo, esta é apontada por 15,3% dos brasileiros e 9,3% dos portugueses.

Há ainda aqueles que não percebem diferença entre o tempo que conseguem passar lendo nos diferentes suportes, parcela representada pelas respostas dadas por 16,5% dos brasileiros, e 9,3% dos portugueses.

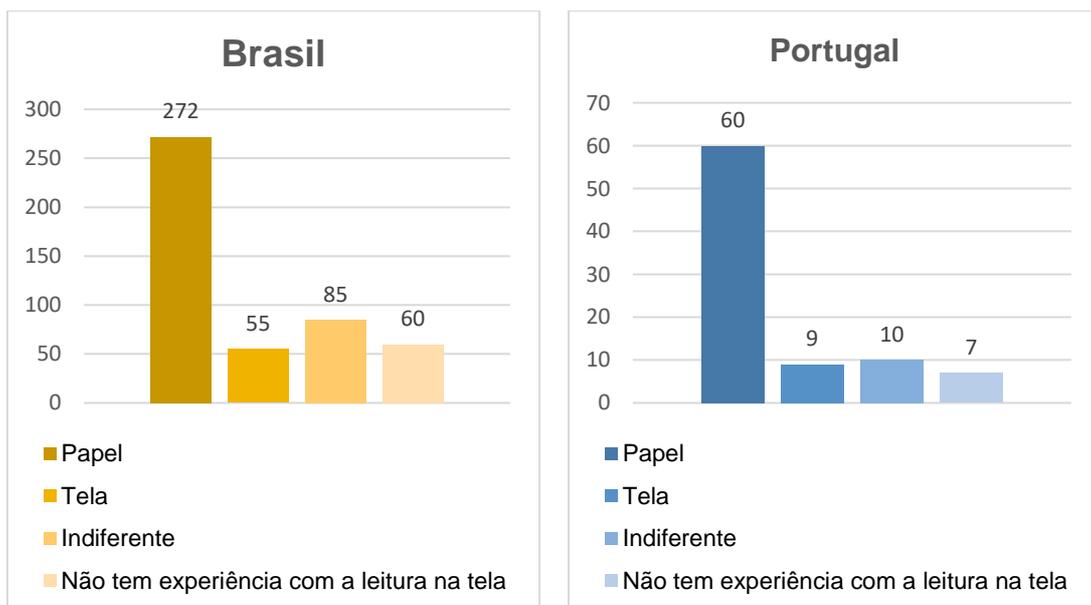
Ao analisar esses dados, podemos fazer algumas inferências. A primeira refere-se ao fato de o papel propiciar mais conforto para os leitores passarem mais tempo utilizando-o, uma vez que têm baixa luminosidade, divergindo da tela, que na opinião de alguns alunos, conforme as respostas discursivas dadas para justificar a sua resposta, cansa os olhos ou provoca dores de cabeça. Uma segunda



possibilidade se deve ao fato de o livro de papel ser um objeto exclusivo para a leitura, oferecendo menos distrações, permitindo ao leitor passar mais tempo dedicado a essa tarefa, sem que seja chamado por outras, como as notificações. Isso é relevante na medida em que, como já mencionamos, são poucos os estudantes que possuem aparatos mais propícios à leitura, como os *leitores digitais*, que já possuem tecnologias que minimizam esses fatores, como a luminosidade e fins não destinados à leitura.

Outro ponto de divergência entre o papel e a tela refere-se à capacidade de manter a concentração durante a leitura. Os estudantes foram questionados: *em qual dos dois suportes você se sente mais concentrado na leitura de uma obra literária? A esse respeito, os jovens apontaram o suporte no qual conseguem concentrar-se melhor:*

Gráfico 7 – Suporte e concentração



Fonte: as autoras.

Observamos que nos dois países o papel é apontado como o suporte que favorece a concentração durante a leitura, representando 57,6% das respostas dos brasileiros e 69,8% dos portugueses.

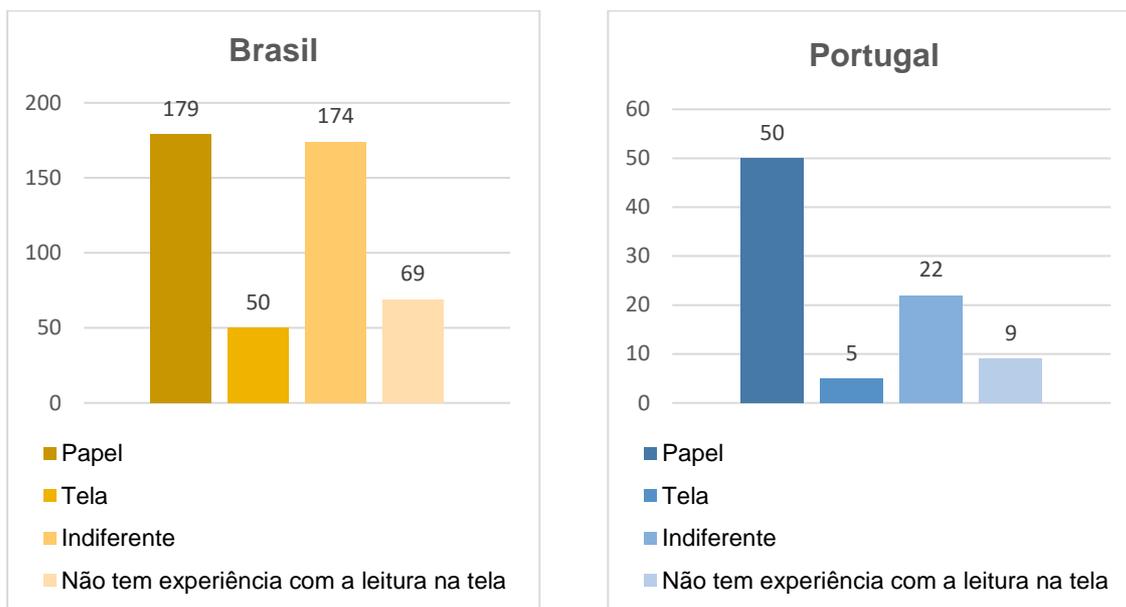
A opção da tela como suporte que beneficia a concentração foi assinalada por 11,7% dos jovens brasileiros e 10,5% dos portugueses.

Por fim, temos 18% dos brasileiros e 11,6% dos portugueses que consideram que a concentração é a mesma em ambos os suportes. Diante disso, compreendemos que a maior parte dos participantes desta pesquisa acreditam que sua concentração é maior no suporte físico, o que nos permite realizar algumas inferências.

Quanto a isso, Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) indicam que ler em suportes digitais, multifuncionais por natureza, pode dificultar a capacidade de sustentar a atenção, o que difere do livro físico, que tem apenas uma única função, conter o texto. Ao ler nas telas, como em computadores, tablets ou smartphones, o leitor está em contato não só com o texto, mas com toda comunicação com amigos, trabalho, bancos, canais de entretenimento etc., que podem distraí-lo com suas notificações. Ademais, Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020) apontam que o indivíduo costuma ser mais seletivo e superficial ao ler na tela por ser um comportamento típico da leitura em páginas na *web*, nas quais se busca por informações pontuais e o foco é mudado rapidamente de uma atividade a outra. Logo, ler na tela exige do leitor estratégias para lidar com essas possíveis distrações.

Por último, apresentamos os dados recolhidos a partir da seguinte questão: em *relação à memória, você consegue recordar-se melhor de uma obra literária lida no papel ou na tela?*

Gráfico 8 – Suporte e memória



Fonte: as autoras.

No contexto brasileiro e português, percebemos que os estudantes acreditam que lembram melhor das obras lidas no papel, sendo poucos aqueles que sentem o mesmo com a tela. Sendo assim, isso pode ser explicado pelo fato de a tela ter poucos pontos de ancoragem no tempo e espaço, o que, segundo Schilhab, Balling e Kuzmičová (2020), auxiliam na construção da memória de conteúdo. Portanto, a materialidade do livro enquanto um objeto físico pode interferir na leitura que se faz, por oferecerem aspectos ao leitor que ainda não são imitados pela tela, especialmente a de um celular, considerando ser esta a que os jovens têm mais acesso. Já outros responderem sentir-se indiferentes ao suporte, o que indica que não refletiram sobre essa questão ou mesmo não perceberam uma diferença significativa.

## 5 CONCLUSÕES

Neste artigo, objetivamos analisar as percepções dos jovens sobre a leitura na tela e no digital. Sendo assim, ao focar nos dispositivos eletrônicos, verificamos que a maioria dos jovens participantes das duas localidades possuem celular, dado que representa a resposta de mais de 95% da amostra. Conseqüentemente, este é

também o suporte a que mais se recorre para a realização da leitura literária na tela, uma vez que foi assinalado por 58,9% dos brasileiros, e 43% dos portugueses.

Todavia, quando o assunto é o suporte utilizado com mais frequência para a leitura literária, o papel ainda merece destaque, dado que aparece nas respostas de 61,6% dos participantes portugueses e 39,6% dos brasileiros. Portanto, embora a tela tenha ganhado espaço nas práticas de leitura dos jovens nos últimos anos, esta ainda não se sobressai, embora tenha seu lugar garantido na cultura escrita e literária e na vida dos leitores.

Nessa perspectiva, identificamos ainda que os jovens desta pesquisa percebem que os livros impressos favorecem alguns processos de leitura, pois a maioria deles diz que lê com mais rapidez no papel, consegue passar mais tempo lendo nos livros impressos, concentra-se melhor e lembra-se mais dos livros lidos no referido suporte.

Desse modo, assim como em Chartier (2020), esses dados nos levam a crer que o livro não morrerá como discurso, como obra e nem como objeto, pois “[...] é ainda o suporte mais adequado aos hábitos e expectativas dos leitores que entabulam diálogos intenso e profundo com as obras que lhes fazem pensar ou sonhar” (Chartier, 2020, p. 69).

Concluimos, então, que os jovens ainda enxergam a pertinência do livro físico para suas leituras literárias. Todavia, embora a leitura no impresso tenha suas vantagens, o entendimento da leitura no digital torna-se cada vez mais necessário, porque verificamos que esta também faz parte da vida dos estudantes, os quais precisam desenvolver habilidades pertinentes a ela.

Portanto, observamos a necessidade de mais pesquisas sobre o tema em diferentes realidades e com públicos de diferentes idades, pois deles provêm dados importantes para refletir sobre a formação leitora na era digital. Logo, esta pesquisa tem uma amostra relativamente pequena para tirar conclusões universais, necessitando ampliar e diversificar suas fontes de coletas de dados.

### **PATRÍCIA CARDOSO BATISTA**

Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) com período sanduíche na Universidade de Évora (UE), financiado pelo PDSE/Capes.

Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2019). Atualmente é professora de Educação Infantil no município de Londrina - PR, e tutora na Especialização em Ensino da Língua Portuguesa.

### **ÂNGELA BALÇA**

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora, Portugal (2005). É professora auxiliar na Universidade de Évora (UE). É investigadora do Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (Portugal). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Literária, Formação de Leitores, Literatura Infantil e Juvenil, Ensino da Língua Materna.

### **SHEILA OLIVEIRA LIMA**

Doutora em Linguagem e Educação pela Universidade de São Paulo (2006). É Professora no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do CCH da Universidade Estadual de Londrina. Atua principalmente nos seguintes temas: Leitura e Formação do Leitor, Alfabetização, Letramento, Oralidade, Literatura e Infância e Ensino de Língua Portuguesa.

## **AGRADECIMENTOS**

O artigo é produto da participação de uma das autoras no PDSE de novembro de 2022 a abril de 2023, financiado pela CAPES.

## **REFERÊNCIAS**

BORGES, J. L. *Borges, oral & Sete noites*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHARTIER, R. Entrevista. In: CURCINO, L. A leitura em telas - um convite à reflexão em tempos pandêmicos: entrevista com Roger Chartier. *Revista Brasileira de Alfabetização*, n. 14, p. 115-137, 4 jul. 2021. DOI: <https://doi.org/10.47249/rba2021532>. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/532>. Acesso em: 01 nov. 2023.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, R. *Um mundo sem livros e sem livrarias?* São Paulo: Letraviva, 2020.

CORDÓN-GARCÍA, J. A. La evolución de la lectura digital: modelos, dispositivos, aplicaciones y prácticas de lectura. In: CENTRO NACIONAL DE INNOVACIÓN E INVESTIGACIÓN EDUCATIVA. *Lectoescritura digital*. España: Ministerio de



Educación y Formación Profesional, 2019. p. 7-17. Disponível em:  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=831233>. Acesso em: 01 nov. 2023.

PIANZOLA, F. Chapter 5. The impact of digital reading. *In*: PIANZOLA, F. *Digital Social Reading: Sharing Fiction in the 21st Century*. MIT Press, 2021. DOI:  
<https://doi.org/10.1162/ba67f642.a0d97dee>. Disponível em:  
<https://wip.mitpress.mit.edu/pub/1yi1bmwk/release/1?readingCollection=a0d97dee>.  
Acesso em: 04 nov. 2023.

SCHILHAB, T. BALLING, G.; KUZMIČOVÁ, A. La disminución de la materialidade en el tránsito de la lectura impresa a la lectura en pantalla. *In*: KOVAC, M.; WEEL, A. V. D. (org.). *Lectura en papel vs. Lectura en pantalla*. Traducción de Laura Tibaquirá. CERLARC-Unesco: Bogotá, Colombia, 2020. p. 106-127.  
Disponível em: <https://cerlarc.org/publicaciones/dosier-lectura-en-papel-vs-lectura-en-pantalla/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

*Recebido em 01 de fevereiro de 2024*

*Aceito em 17 de junho de 2024*